



UMA BICHA: GUY HOCQUENGHEM

Jésio Zamboni¹

Maria Elizabeth Barros de Barros²

Resumo: Guy Hocquenghem é essa bicha louca e ácida que nos provoca a pensar hoje os meios de luta que as bichas têm construído para si pela vida afora. Hocquenghem constrói um plano de análise ética da bicha militante que rompe com a mera contestação ao mundo exterior considerado repressivo. É crucial tratá-lo como uma bicha de bando, figura de complexos jogos de forças coletivas que se deslocam e variam pelas conflituosas em meio aos movimentos sociais entre os homossexuais, dentre as quais destacam-se as relativas à Frente Homossexual de Ação Revolucionária, nicho onde a crítica de Guy se concretiza. Discute-se que a potência da sua crítica, em síntese por enunciados rápidos e rasteiros e curtos e grossos, procede por uma análise situada como construção de problemas em paradoxos a viver como bichas.

Palavras-chave: Guy Hocquenghem, bicha, militância política.

Uma bicha

Bicha louca. Talvez esta expressão melhor sintetize no fluxo de nossa língua corriqueira o personagem, já bastante esquecido em meio aos movimentos homossexuais, cujas posições e deslocamentos através de tais lutas abordaremos em texto. Sua figura insiste corrosiva, incômoda e voraz a nos questionar sobre o que nós bichas estamos fazendo de nós mesmas – quando de repente podemos encontrá-la, ou quando ela nos encontra enfim. Bicha ácida. Cujo veneno se quer injetar em nós para extrair alguma vacina contra a toxidez das políticas mesmas pelas quais as gays enveredam debatendo-se em busca de saídas ao problema construído como homofobia. O medo das bichas que incomoda o filósofo e escritor em questão não se localiza no plano de uma luta que intenta acabar com este sentimento construído pela cultura. Por um outro plano problemático, Guy se inquieta que cada vez mais as bichas não

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Políticas e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo. jesiozamboni@gmail.com

² Professora Titular do Departamento de Psicologia e dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia Institucional e em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Políticas. betebarros@uol.com.br

molestem ninguém, não perturbem a sociedade e construam para si modelos adequados. Hocquenghem é essa bicha louca e ácida que nos provoca a pensar hoje, em começos da segunda década do terceiro milênio depois de cristo, os meios de luta pela vida que as bichas têm construído para si próprias.

A seguir, discutiremos a obra de Guy Hocquenghem relativa ao movimento homossexual na década de 1970 na França. Nota-se que a partir d'*O desejo homossexual*³ (HOCQUENGHEM, 2009), ensaio teórico-crítico de 1972 escrito no bojo da Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR), do momento que o trabalho se publica em diante, pelos vários artigos divulgados dispersamente adiante nos anos 1970, Hocquenghem (1980; 2010) desloca-se em seus posicionamentos em meio ao movimento homossexual. Pode-se delinear uma ruptura problemática entre a centralidade do aprofundamento relativo aos saberes-poderes constituídos socialmente em relação aos homossexuais e o deslize para as margens que provoca um tensionamento do próprio campo da luta homossexual estabelecido. Diante da territorialização dos movimentos sociais das bichas por conta dos espaços de luta que se vai construindo e da reterritorialização em função das identidades a serem preservadas por reprodução da luta, a bicha em cena evoca movimentos de desterritorialização que desmontam as codificações do homossexual militante e as sobrecodificações do gay inserido nos circuitos de valores socialmente estabelecidos. A linha de fuga perpassando estes territórios e violando as cercas dos lugares estabelecidos se compõe por uma série de bichas loucas que são também o autor que aqui abordamos.

A crítica que a bicha empreende não configura tão somente uma crítica *do* homossexual *à* sociedade. Embora seja daí que parta, debatendo-se com o tema d'*O desejo homossexual* para escapar à dicotomização excludente entre indivíduo e sociedade, ao ver-se cruzando e compondo um conjunto de situações relativas ao movimento homossexual, Hocquenghem constrói um plano de análise ética da bicha militante que rompe com a mera contestação ao mundo exterior considerado repressivo. Tal deslocamento será constituinte de uma navalha afiada pela qual Guy irá analisar, cortar em mil pedaços, o idealismo que captura as lutas das bichas. D'*O desejo homossexual*, oscilando entre a paranoia familiarista e a esquizofrenia que extrapola as demarcações naturalizantes do objeto de desejo, conduzindo Hocquenghem na construção das lutas homossexuais, à abordagem dos impasses e bloqueios d'A

³ No corpo do ensaio, os títulos das obras em língua estrangeira serão traduzidos por nós no correr do texto.

contestação homossexual por meio de uma análise de implicação, há um salto crítico crucial.

A análise de implicação é o que instaura a produção de saberes em um plano de análise institucional, tal como René Lourau (2004), dentre outros, o desenvolve. A instituição em tal plano não se confunde com estabelecimentos públicos ou privados, mas refere-se antes às normas, regras e valores construídos socialmente, bem como aos modos como os sujeitos coletivos lidam com elas. Nesse sentido, a análise de implicação torna imprescindível que se coloquem em questão as relações dos sujeitos coletivos com as verdades que sustentam. E, para tanto, convoca à consideração primordial daquilo que se exclui de tal produção: a dimensão de experimentação social, de instauração de modos de vida. O campo do subjetivo separado das objetividades nos saberes hegemônicos e os desvios tomados como erros em relação aos rumos aprumados dos métodos estabelecidos são questionados em análise de implicação para que se possa produzir uma análise institucional de maneira a compor forças instituintes, desnaturalizadoras dos modos de pensar e agir habituais.

É, portanto, uma análise institucional que Hocquenghem desenvolve em relação à instituição homossexualidade ao colocar em questão a verdade da homossexualidade, questionando os saberes produzidos e legitimados. Essa análise institucional prossegue amplia-se a seguir, tornando-se análise institucional d'A *contestação homossexual*. É também, portanto, uma análise de implicação, por situar-se em meio às lutas das bichas assumindo posições críticas que deixam de lado a pretensão à verdade no âmago dos movimentos instaurando uma linha de tensionamento a perturbar o bom-senso militante.

Guy Hocquenghem não define seu trabalho em termos de análise institucional, tal como seus colegas professores da Universidade de Vincennes trabalhando no Departamento de Pedagogia, vizinho ao Departamento de Filosofia onde se aloca nosso protagonista para ensinar. Entretanto, podemos dispor de tais conceitos para desenvolver uma leitura da sua obra de Hocquenghem. Da mesma maneira, Guy não opera com o conceito de ética para desenvolver sua abordagem d'A *contestação homossexual*. Contudo, sua crítica das práticas de luta das minorias sexuais acaba por constituir um plano de análise ética, tal como poderemos considerar nesse ensaio.

Sendo assim, Guy Hocquenghem é uma oportunidade de nos interrogarmos acerca das práticas e dos saberes pelos modos como os estamos colocando em jogo pelas nossas próprias posturas ético-estético-políticas. Cabe destacar que, na perspectiva da análise institucional, trata-se de “transformar para compreender”, invertendo os

termos hegemônicos da produção de saber e primando pela experimentação coletiva e pela invenção de dispositivos de intervenção sociais. Logo, o mote da abordagem de Hocquenghem operada aqui por nós é o incômodo com diversas práticas desenvolvidas nos meios de lutas da diversidade sexual ao configurarem-se como impasses na transformação social.

Pode-se questionar: por que ir para a França da segunda metade do século XX buscar alguma inspiração para pensar os atuais problemas relativos à diversidade sexual no contexto brasileiro? É que posicionamento crítico tal como desenvolve Hocquenghem não se encontra em dominância em “terras tupiniquins”, nem mesmo em estrangeiras. Como de praxe, ou antes, como *práxis* da história brasileira e latino-americana, devoramos os estrangeiros para extrair-lhes alguma força, para num jogo ca(ni)bal nos apropriarmos disso que se forjou como civilização ocidental na América. O modo de pensamento antropofágico que caracteriza o Brasil nos parece fundamental para desenvolver outras práticas de militância em diversidade sexual.

Situamos, afinal, esse nosso escrito como um ensaio teórico-crítico em torno da bicha Guy Hocquenghem. Teórico por tratar de um plano de pensamento em que conceitos tais como os de bicha, gay e homossexual são trabalhados. Crítico por colocar-se nas bordas da composição conceitual, afirmando o deslocamento que a retomada do trabalho alheio implica. Não visamos meramente apresentar Hocquenghem como ele é, como ele seria verdadeiramente no encaixe com sua teoria, nem estabelecer um paradigma como estrutura do seu pensamento. É antes o caso de devorá-lo e fazer-lhe passar por nossos cus parindo um filho estranho, extraindo-lhe as forças e fecundando o solo das nossas práticas e saberes. Afirmamos, portanto, com Foucault (1994, p. 13) que

O “ensaio” – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento.

Bicha bando

Em 10 de janeiro de 1972, *Le nouvel observateur*, um semanário francês, divulga *A revolução dos homossexuais*, uma entrevista de Guy Hocquenghem (1980, p. 23-35) assumindo-se publicamente homossexual. “A primeira deste tipo na França” (HAAS, 2007, p. 243, tradução nossa). Através da narrativa de sua “*história individual*”, o autor se define homossexual no que mais tarde situa como uma “*confissão pública*”, quando da publicação de *A contestação homossexual*, onde

Hocquenghem (1980, p. 21, grifos do autor) observará que esta entrevista é a única desta coletânea de textos que

[...] limita-se à defesa e ilustração do homossexualismo na acepção corrente do termo: amor de homens por outros homens que amam homens. Desde o artigo publicado em Partisans “Aos pederastas incompreensíveis”, o combate homossexual torna-se “problemático”. E os textos tornam-se apenas pretextos para manter distância ou se pôr de sobreaviso contra uma enganadora “positividade” homossexual.

É preciso notar, entretanto, que essa saída pública do armário se configura numa estratégia de intervenção coletiva e que Hocquenghem (HAAS, 2007, p. 243, tradução nossa) “nunca acreditou que a confissão, em si e por si, foi um gesto de liberação”. Mas, o que se passa então nos seis meses que distanciam um texto dos outros, já que *Aos pederastas incompreensíveis* será publicado em julho de 1972? A bicha já o aponta ao final de sua confissão pública: A FHAR “encontra-se em estado de semicrise” (HOCQUENGHEM, 1980, p. 34). Uma ruptura com as “lésbicas vermelhas” no seio da FHAR será nítida neste momento.

Podemos ver aí como essa máquina coletiva de experimentação social, a FHAR, é fundamental para situar as divergências e singularizações marcadas por Guy em relação à questão dos movimentos de minorias sexuais. A crise da FHAR estará profundamente conectada ao desenvolvimento da problematização promovida por Hocquenghem. Um novo conjunto de questões se colocará, um novo modo de problematizar entrará em jogo, compondo uma série de controvérsias e divergências principalmente a partir dos seus próprios companheiros de militância. Para abordar Hocquenghem, portanto, é crucial tratá-lo como uma bicha de bando, figura de complexos jogos de relações de forças que se deslocam e variam.

A FHAR foi um movimento dispersivo impulsionado pelas lutas de maio de 1968 na França, nas quais os movimentos de estudantes e de diversos trabalhadores se cruzaram formando uma imensa rede focada no princípio da autogestão, ou seja, na preponderância dos grupelhos como meios de luta política por oposição aos grandes aparelhos políticos integrados em partidos. Contudo, cabe salientar que tal movimento implica uma multiplicidade de posições e deslocamentos irredutíveis a definições cabais. E, por isto mesmo, não configura em si uma solução, mas um meio de problematização. Isso é o que Guattari (2004, p. 276) pontua acerca da questão da autogestão logo após os eventos de maio de 1968:

Falar de autogestão política talvez seja também uma fórmula geral e enganosa, dado que a política é fundamentalmente ajuste de um grupo em relação a outros grupos numa perspectiva global, explicitada ou não. A autogestão tomada como

palavra de ordem política não é um fim em si mesmo. O problema é definir em cada nível de organização o tipo de relações e formas a promover e o tipo de poder a instituir. A palavra de ordem da autogestão pode tornar-se uma palavra de ordem vazia se substituir amplamente respostas diferenciadas para níveis diferentes e diferentes setores em função de sua complexidade real.

A análise crítica de Guattari, entretanto, não acarreta uma recusa do movimento e de suas consequências. Hocquenghem (2003; HAAS, 2004; 2007), assim como Guattari (NEGRI; GUATTARI, 1987), seguirá afirmando a potência do acontecimento de maio de 1968, contrapondo-se aos que renegaram e buscaram neutralizar os efeitos de tal momento histórico, que compõe toda uma série de novos modos de fazer política. O que sucede da problemática social que se arranja com maio de 1968 na França, em meio aos diversos movimentos de luta pelo mundo afora, é que irá se afirmar entre muitos daqueles que sustentam a experimentação dos acontecimentos políticos deste momento uma disposição para discutir a dimensão ética do movimento revolucionário.

Em vez de prenderem-se ao ataque aos dominantes desde os oprimidos, os novos sujeitos coletivos herdeiros da experiência de maio de 1968 tenderão a centrar-se na análise dos próprios movimentos políticos, das próprias estratégias e práticas. Tais sujeitos seguem por rupturas com o pensamento binário segundo a qual os movimentos de esquerda estariam conscientes da maneira de construir uma boa sociedade em oposição aos opressores que bastaria derrotar. Eles situam seus questionamentos ao nível das práticas, despreendendo a análise de abordagens globais e totalizantes, voltando-se para situações concretas, de modo a não perder de vista o horizonte histórico das lutas.

Guy promove uma análise das práticas militantes a partir da FHAR, que é fruto das lutas de maio de 1968. E a própria biografia de Hocquenghem (1980) está intrinsecamente entrelaçada à crítica das organizações homossexuais buscando aceitação social e das organizações de esquerda política que associavam a homossexualidade com a ideologia burguesa. Hocquenghem participa de diversos grupos de esquerda desde a adolescência e logo dissocia sua atividade política dos casos amorosos e sexuais com outros homens, de tal maneira que estes meios de vida não se cruzavam e não poderiam se cruzar. A instituição da FHAR, para Hocquenghem, funciona como um analisador – para tomar a expressão de Guattari (2004) e Lourau (2004) –, uma máquina de produzir análises acerca das práticas instituídas no corpo social funcionando entre os homossexuais e os militantes políticos de esquerda, que não poderiam mais sustentar a ideia de uma imunidade em relação às práticas hegemônicas de poder.

Mas logo a crítica da FHAR conduz à crise pelo próprio coletivo. É que ao inventar um meio analítico das práticas sociais, o coletivo acaba por se apropriar dos impasses e contradições como oportunidade para lidar com eles, para inventar-lhes saídas. A FHAR havia inventado um modo agressivo de luta, o “terrorismo anal”, marcado por intervenções inesperadas nos mais diversos espaços, como nos indica Preciado (2009). Esta estratégia, contudo, será questionada desde dentro por seus efeitos. E é a isto que Hocquenghem (1980, p. 51-52) se dispõe desde a crise da FHAR.

Uma vez mais, não é tanto o conteúdo do que dissemos e sim seus resultados que nos colocam um problema. No conteúdo concreto de nossas intervenções, pudemos constatar que o refrão “plum, plum, trá lá lá, as bichas estão cá” surpreendia no mês de maio de 1968 e era esperado onde quer que fôssemos, desde novembro. Perdíamos uma parte do nosso poder de inquietar os outros (os normais), pois eles sabiam, sem a menor sombra de dúvida, que o fosso existente entre eles e nós era tamanho que a única alternativa seria repetir de um lado e de outro os papéis já desempenhados.

A relação com “os normais” desenvolve-se como foco da luta ao promover vertigens entre aqueles que lutam. Enunciava-se na FHAR de maneira algo inédita o modelo normativo da heterossexualidade como empreendimento a desmontar pelas diversas intervenções grupais, como objeto do ataque militante. Mas, como Hocquenghem destacou na citação acima, o problema não se coloca tanto com a produção teórica, com as ferramentas conceituas em uso, mas com suas consequências no campo social, com o modo como elas estavam sendo construídas e construindo uma série de efeitos que caberia então colocar em questão.

Após cerca de um ano de existência da FHAR, Hocquenghem irá destacar os impasses diante dos quais o movimento se encontrava. Na relação entre os veados e as mulheres evidenciam-se uma série de pontos de bloqueio; o tom justificativo do discurso e da prática na FHAR diante da hegemonia heteronormativa colocava em questão o próprio pensamento produzido no grupo; e, sobretudo, o fechamento grupal diante dos normais será indicado por Hocquenghem como principal impasse diante do qual o movimento de minorias sexuais se verá confrontado. O ataque aos normais desdobra-se em seus sentidos e coloca em questão a posição da bicha diante do seu alvo. Escreve Hocquenghem (1980, p. 54-55):

Creio que nosso desejo tem necessidade de ser legível através de uma situação que o torna escandaloso, quando ele é exprimido. É isto, aliás, que torna seu valor subversivo. [...] Em última análise, pode-se dizer, já que agora temos orgulho em ser homossexuais, que desejamos a maior parte das vezes aqueles a quem desprezamos, os falocratas. Muito embora esteja longe de ver nesse fato uma tara irremediável que seria preciso eliminar, creio que nosso desejo é nossa arma principal. Desejamos aquilo que é diferente de nós, aquilo que não

podemos ou não queremos ser. Não o desejamos para que ele se torne igual a nós mesmos, pois nosso desejo se extinguiria em um universo constituído unicamente por “loucas” [...] mas para colocarmos em contato nossas línguas, nossos cus, nossos paus, nossas mãos e pés...

E assim, Guy (HOCQUENGHEM, 1980, p. 55) acaba por formular que “Nosso homossexualismo não encerra um valor revolucionário que seria preciso estender ao mundo inteiro, mas é uma situação de permanente questionamento”. Tal definição marca o deslocamento do meio para as bordas da FHAR até sua dissolução em lutas outras. Essa situação de permanente questionamento é a criação de um plano ético das bichas. Isto se faz em Hocquenghem pela sua crítica corrosiva, pelos incessantes debates em que dispensa o respeito como valor limitante e pelas variações humorísticas que marcam seus escritos.

Com a dissolução da FHAR, a partir da segunda metade da década de 1970, novos agrupamentos de minorias sexuais emergem. “Entre os líderes da “segunda geração” de movimentos homossexuais, uma notável ausência foi Hocquenghem. Embora ele continuasse a se envolver nas causas e debates homossexuais, ele sempre insistiu em fazê-lo nos seus próprios termos.” (HAAS, 2007, p. 208, tradução nossa). Essa nova modalidade de luta, entretanto, não cabe ser caracterizada como individualizada em oposição a uma luta grupal anterior. Trata-se de deslocamento estratégico, do forjar novas táticas de luta, diante das novas configurações das minorias sexuais lutando por direitos e afirmação de identidade em vez da transformação social radical. As obras literárias de Hocquenghem que ganham corpo a partir de então podem ser definidas como procedimento de crítica e clínica pela literatura, tal como caracteriza Gilles Deleuze (1997, p. 11.14) ao afirmar que

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria viva. A literatura está antes do lado do informe, ou do inacabamento [...] Compete à função fabuladora inventar um povo. Precisamente, não é um povo chamado a dominar o mundo. É um povo menor, eternamente menor, tomado num devir-revolucionário.

Pela literatura, Hocquenghem (1988; 1990a; 1990b) persistirá nas lutas das minorias sexuais, delirando a história pelas figuras do apóstolo João na primitiva Igreja Cristã, do Frei Ângelo na América recém-descoberta pela Europa e ainda de Adão como protagonista para uma nova gênese da minoria sexual no contexto da AIDS. Hocquenghem não se isola pela literatura, mas inventa um meio de disparatar a história, de construir uma série de novas personagens para a luta homossexual.

Voltemo-nos, por um instante, aos debates de Hocquenghem em torno das relações entre homossexualidade e criminalidade para acompanhar uma situação concreta que nos questiona as práticas militantes ainda hoje. Já em *O desejo homossexual*, propondo uma arqueologia do saber que classifica a homossexualidade como crime, em meio às lutas das minorais sexuais para que se rompa tal associação, Guy se coloca ainda bastante próximo do modo de abordagem hegemônico do problema pelos militantes homossexuais. Ao tomar o caso de dois assassinos homossexuais e do assassinato destes por vingança, Hocquenghem (2009, p. 42, tradução nossa) destaca as repercussões no meio social francês do início da década de 1970, em que a homossexualidade aparece como ameaça à sociedade civilizada:

O assassinato responde ao assassinato, mas a grande imprensa, depois de haver deplorado essa volta à lei de talião, encontra todas as legitimações para o segundo crime, que vinga o assassinato do pai. O assassinato homossexual é vivido paranoicamente como um assassinato de gozo, o principal perigo da sociedade civilizada. O assassinato por vingança é digno de consideração já que estabelece os direitos da família.

Neste primeiro ensaio teórico-crítico, tal postura se coaduna com a lógica da militância homossexual em vigor, em função de uma leitura que privilegia a crítica como oposição ao poder estabelecido como exterior às próprias lutas da minoria sexual. Entretanto, já em 1976, na consideração do assassinato de Pier Paolo Pasolini e das manifestações dos homossexuais em torno do caso – conclamando pelos aparelhos jurídicos como máquinas de proteção aos bons cidadãos, já incluindo entre eles os gays –, a posição de Hocquenghem (1980, p. 118) se modifica radicalmente: Já não se propõe a integrar movimentos de contestação, “um tanto acomodados ao sucesso”, mas volta-se para as práticas de tais de movimentos em suas margens, nos meandros da vida coletiva, para encontrar aí um monstro bastante terrível, “[...] o apelo a um Estado a ser fundado, capaz de "boas repressões" e o desencadeamento de justificações punitivas”. Guy retoma, então, a consideração do caso dos assassinos homossexuais destacado anteriormente para transtorná-la em problematização ética das práticas sociais entre as bichas. Trata-se de uma abordagem crucialmente distinta da primeira, resultando em um modo bastante diverso de colocação no movimento homossexual.

Dois jovens, muito conhecidos nos meios homossexuais, nos quais se prostituíam e onde haviam recebido o nome de “assassinos”, devido a seu tipo à la Jean Genêt e suas jaquetas de couro, cometeram gratuitamente uma série de crimes. O assassino é um personagem freqüente para o homossexual, não somente por masoquismo, culpabilidade assumida ou gosto da transgressão, mas porque se trata de uma possibilidade real de encontro. Claro que sempre se pode escapar dela. Basta não paquerar mais nos meios marginais. Basta não paquerar

mais na rua. Basta simplesmente deixar de paquerar, ou então fazê-lo em relações a pessoas sérias, que pertençam ao nosso mundo. Pasolini não seria morto se só tivesse dormido com seus atores.

Eis o que escapa àqueles que querem sinceramente “descriminalizar” o homossexualismo e defende-lo contra si mesmo cortando seus laços com um mundo duro, violento, marginal. (HOCQUENGHEM, 1980, p. 122)

Se a bicha trata de um período histórico em que se luta na Europa pela descriminalização e pela despatologização da homossexualidade, poder-se-ia tomar seu debate como já ultrapassado pelas contingências históricas superadas. Contudo, a criminalização e a patologização da homossexualidade ganham outros contornos nos dias atuais quando vemos que ainda o casamento entre homossexuais é obstruído e a transexualidade figura no código internacional de doenças, influenciando diretamente na construção das políticas públicas. E é exatamente a maneira de enxergarmos o problema, ou antes, de construí-lo para habitá-lo que, então, podemos questionar com Guy, colocando em análise nossos modos de militância em termos de minorias sexuais.

Que tipos de problematizações temos construído acerca das experiências das diversas minorias sexuais? Esta pergunta torna-se fundamental para nós ao conversarmos com Hocquenghem. Estamos construindo hoje todo um novo aparelho jurídico, o que Guy Hocquenghem já via no campo d’*A contestação homossexual* em meados da década de 1970. Que insista a marginalização e a repressão em relação aos homossexuais de todos os tipos, há hegemônica concordância. Entretanto, não seria a controvérsia o que seria necessário desenvolver, inclusive em relação a si mesmo, para construir problemas como contrassensos, em vez de pretender um bom senso da bicha convertível em senso-comum?

Bicha ácida

[...] a maneira como [Hocquenghem] considerava o “desejo homossexual” o proibia de pensar a produção efetiva dos indivíduos homossexuais como sujeitos sujeitados, a não ser denunciando a submissão deles à ordem estabelecida e à estrutura edipiana, uma vez que não se conformavam ao modelo “revolucionário” que ele apresenta em seu livro. Por isso, Hocquenghem bem rapidamente foi levado a denegrir os homossexuais reais, seus modos de vida, e o próprio movimento homossexual. Há, em sua retórica antinormativa, uma profunda normatividade que consiste em só admitir certas formas de vida homossexual, denunciando todas as outras como burguesas. E foi por isso que, depois de seu livro de 1972, ele passou seu tempo a deplorar, ora com amargura, ora com humor, tudo o que se passava no campo da homossexualidade, e até a olhar com grande severidade o que ele mesmo havia escrito. (ERIBON, 2008, p. 362, nota de rodapé).

Discordamos destas considerações apresentadas por Didier Eribon nas suas *Reflexões sobre a questão gay*. Postulando uma continuidade entre a discussão d'*O desejo homossexual* e as críticas seguintes do Hocquenghem, delineia-se uma história homogênea e linear acerca da nossa bicha. Esta interpretação globalizante tende a negar a polifonia e a multiplicidade de forças instáveis sobre as quais o trabalho de Guy se sustenta. Cabe retomar a obra de Hocquenghem em sua potência disruptiva no campo de lutas das minorais sexuais em vez de reduzir sua crítica escandalosa a ruídos na comunicação entre gays. Isto porque mesmo Haas (2004), biógrafo de Guy, reluta em afirmar a positividade singular do humor Hocquenghemiano e Preciado (2009), proeminente teórica das bichas, prefere ainda não tocar nas divergências e controvérsias que Guy promove em meio às minorias sexuais, especialmente em relação às lésbicas.

O livro de 1972, *O desejo homossexual* de Guy Hocquenghem, ao qual Eribon se refere, é uma teorização construída no âmbito de uma experimentação grupal, que certamente implicava a produção de controvérsias e críticas pelo próprio coletivo. Por aí, Guy irá desenvolver todo um estilo crítico, em meio às bichas, marcado pela acidez corrosiva dos padrões de comportamento. Trata-se de uma estilística discursiva como dimensão enunciativa da produção desejante entre as bichas. Mas Eribon vê nisto uma mistura de humor e amargura em função da deploração de todo o movimento homossexual e até de si mesmo; parece somente se encantar com as estilizações que as bichas promovem na linguagem ordinária enquanto figurem como amenidades e modos de tratamento pitorescos, tal qual desenha em relação a Foucault. Quando os modos de expressão da bicha passam a compor paradoxos perturbadores circulando no meio intelectual isto assusta.

O humor ácido de Hocquenghem não funciona no sentido único de um lamento amargurado pelo modelo revolucionário fracassado no seio da FHAR. A partir de meados de 1972, sentindo-se “relativamente exterior a tais colóquios”, aos debates desenvolvidos no grupo que possibilitaram a escrita d'*O desejo homossexual*, Hocquenghem se coloca numa posição de borda. Traça uma linha crítica em relação ao seu próprio trabalho, que não se pode desvincular de um agenciamento coletivo de enunciação, de uma produção coletiva de discurso.

O humor que irá marcar os diversos textos posteriores relativos à luta das minorias sexuais, a partir da saída de Hocquenghem da FHAR, é o exercício de uma crítica situada. Segundo Deleuze (2006, p. 357), “Hocquenghem não fala nem de evolução nem de revolução, mas de volições”. Assim, não cabe encarar, de maneira tão

apressada e bastante imprudente, a tônica dos escritos da bicha em questão como signo de um niilismo absoluto. Haas (2004), ao destacar a crítica severa e direta de Guy, acentua ainda como este filósofo e literato se pôs radicalmente a levantar várias controvérsias em relação aos colegas militantes que estavam abandonando o legado das experimentações a partir de maio de 1968 na França (HOCQUENGHEM, 2003). Hocquenghem quer desmontar as contradições em que vivem as bichas para evocar paradoxos como tensionamentos de uma situação problemática.

Um caralho trazendo sempre a merda de um cu, por várias vezes meter sua porra na merda ou por embostar o caralho que nos deixa, nós bem que somos as bolas fétidas do jogo social. Baitolas, nós somos os únicos a cagar ao revés. Mas não se cria somente serem os menos apropriados, nós somos os menos proprietários, apenas serem os mais dissolúveis, nós somos os menos competitivos, apenas serem os mais maquínicos, nós somos os menos românticos, apenas serem os mais marginais, nós somos os menos burgueses. (HOCQUENGHEM, 1973, p. 228, tradução nossa).

Hocquenghem constrói uma crítica pelas situações experienciadas pela bicha a fim de que o cotidiano se problematize e que o vivido torne possível outras paisagens de desejo. Essa localização das questões, entretanto, não condiciona um fechamento, mas trata de não perder de vista a experiência que produz ruptura com os saberes e práticas estabelecidos. A experiência da bicha funciona como deslocamento dos lugares e papéis determinados por um jogo tensionante que desmonta os opostos. Guy segue, portanto, de Deleuze (2003, p. 339, tradução de Tomaz Tadeu da Silva) um “[...] conselho de trabalho: é sempre interessante, nas análises de conceito, partir de situações muito concretas, muito simples, e não de antecedentes filosóficos, nem mesmo de problemas enquanto tais”. Tal conduta possibilita quebrar a dicotomia entre o concreto e o abstrato, tratando a abstração como atravessamento de diversas situações concretas entre si.

Pode-se logo notar como a abordagem dos movimentos coletivos dos quais participa muda em Hocquenghem desde seu trabalho sobre *O desejo homossexual*, a partir dos textos acerca d’*A contestação homossexual*. Naquela obra, o combate homossexual aparece como um fluxo abstrato que percorre o corpo social em seus diversos órgãos – saúde, justiça, política – para colocar em questão os estatutos de enfermidade psíquica, periculosidade criminosa e flagelo social pelo qual se marca a homossexualidade. Entretanto, nos textos a seguir, a complexidade do movimento homossexual, em suas diversas vertentes e sentidos, despedaça a impressão inicial de uma homogeneidade das lutas, de um bloco monolítico das minorias sexuais.

Hocquenghem passa a considerar a homossexualidade um dispositivo de perturbação, de incômodo às estratificações, aos lugares demarcados como propriedades

privadas por um regime fundado no modelo da heterossexualidade, nas próprias práticas das bichas. Neste sentido, Guy irá evocar uma série de situações problemáticas relativas aos modos de funcionamento das bichas e arranjá-las como paradoxos, ou seja, proposições que colocam em questão as lógicas de vida que se vai construindo. Os paradoxos são problemas a viver (ZAMBONI, 2011). Quando Guy escreve, a potência da sua crítica, em síntese por enunciados rápidos e rasteiros e curtos e grossos, se faz pelo vergar das forças em circulação.

Em meio aos jogos de força que a luta das minorais sexuais vão encetando, Hocquenghem complexifica os tabuleiros de lados opostos que se costumam jogar. Destaca-se daí que o fundamental da ação política não se encontra nesse equivalente geral da teoria da opressão, o capital que as minorias ameaçam construir para si no mercado da luta por direitos. Hocquenghem inventa o jogo da ética da bicha. Preocupando-se crucialmente com as táticas de resistência, em vez de se vislumbrar com as artimanhas do poder em função de denúncias ou desconstruções abstratas, propõe a afirmação da multiplicidade como meio onde as singularizações podem se desenvolver em modos de existência variantes.

A multiplicidade a que Guy nos remete não se confunde com jogos de encaixes entre categorias demarcadas de existência. Não se trata de levar adiante as regras da comparação sob as pretensas estratégias de derrocada do inimigo em termos de brincadeira de cabo de guerra ou disputa pelo poder estabelecido. Hocquenghem está mais interessado nas situações em que a bicha se inventa viver. As figuras do afeminado e da passiva tornam-se foco de problematização, em vez de se sustentar uma correia de transmissão entre a esquerda estabelecida e os atuais movimentos de minorias.

A problematização da sexualidade é algo que se inventa pela situação concreta, pelas experimentações cotidianas nos meios de vida, antes que por fórmulas revolucionárias. A afetação não é uma questão de bloco fechado, consensual e homogêneo, bem resolvida pelas bichas contra o mundo heterossexual; trata-se, sobretudo, de uma questão de implicação das próprias bichas com as lutas políticas, de um questionamento a si em suas próprias maneiras de construir meios de existência. Em vez de se render à ordem do discurso, aos lugares estabelecidos de fala, à nova onda de exigência dos direitos das bichas, Hocquenghem busca criar condições concretas para outros lugares de enunciação, tal como Guattari (1987) e Deleuze (2006) preconizam.

A acidez da crítica hocquengheimiana perturba as funções vitais organizadas dos movimentos homossexuais, corrói as ideias que se tomavam por base dos movimentos

de lutas de minorias. Louca, Guy sabe que a política não cabe nas formas pelas quais ela vai se delimitando e excluindo de outras atividades vitais. Logo, a bicha irrompe onde a política se cria por embates. Atacando incessantemente a política, desenvolve-a para além das dimensões do poder constituído. O que interessa em Hocquenghem é o que pode uma bicha, perturbando os limites pelas quais ela vai se enquadrando, sobretudo os que ela mesma acaba por investir como montagem, como salto para um espetáculo performático a ser assentar na sociedade capitalista.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- _____. **Deux régimes de fous**: textes et entretiens, 1975-1995. Paris: Minuit, 2003.
- _____. Prefácio ao livro L'Après-Mai des faunes. In DELEUZE, G. **A ilha deserta**: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 357-362.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- _____. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise institucional. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.
- HAAS, Ron. Utopia Aborted: May' 68 in the Philosophy of Guy Hocquenghem. **Proceedings of the Western Society for French History** [online], v. 32, p. 404-424, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/spo.0642292.0032.023>>. Acesso em: 3 fev. 2012.
- _____. **The Death of the Angel**: Guy Hocquenghem and the French Cultural Revolution after May 1968. PhD Thesis, Rice University. Texas: Rice University, 2007. Disponível em: <<http://scholarship.rice.edu/handle/1911/20613?show=full>>. Acesso em: 24 dez. 2011.
- HOCQUENGHEM, Guy. Les culs énergumènes. **Recherches**, Paris, n. 12, p. 223-260, mar. 1973. Disponível em: <<http://www.criticalsecret.com/n8/quer/4per/inst/>>. Acesso em: 17 mar. 2012.
- _____. **A contestação homossexual**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

- _____. **A cólera do cordeiro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- _____. **Ève**. Lisboa: Livro Aberto, 1990a.
- _____. **Viagens e aventuras extraordinárias de Frei Ângelo**. Venda Nova, PT: Bertrand, 1990b.
- _____. **Lettre ouverte à ceux qui sont passés du col Mao au Rotary**. Marseille: Agone, 2003.
- _____. **El deseo homosexual**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009.
- _____. **The Screwball Asses**. Massachusetts: MIT, 2010.
- LOURAU, René. **René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral**. São Paulo: HUCITEC, 2004.
- NEGRI, Antonio; GUATTARI, Félix. **Os novos espaços de liberdade, seguido de das liberdades na Europa e da carta arqueológica**. Coimbra: Centelha, 1987.
- PRECIADO, Beatriz. Terror anal: apuntes sobre los primeros días de la revolución sexual: epílogo. In HOCQUENGHEM, Guy. **El deseo homosexual**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009, p. 133-174.
- ZAMBONI, Jésio. **Paradoxos do motor: uma esquizoanálise da atividade dos motoristas de ônibus do transporte coletivo urbano da Grande Vitória – ES**. 2011. 270 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.